

**O QUARTO PODER VERMELHO:
convergências e divergências teóricas e político-ideológicas entre anarquistas e
comunistas no contexto de formação dos Partidos Comunista do Brasil**

MAITÊ PEIXOTO*

RESUMO: O presente artigo propõe à comunidade acadêmica uma breve análise sobre o conteúdo dos textos impressos na mídia libertária de São Paulo e do Rio de Janeiro, respectivamente com os jornais *A Lanterna*, *A Plebe*, *O Cosmopolita* e *Voz Cosmopolita*, articulados entre os anos de 1909 a 1927, adjacentes ao cenário de formação dos Partidos Comunistas do Brasil. Através do estudo dessas publicações, que contavam com a colaboração de lideranças do movimento ácrata e fundadores dos Partidos Comunistas do Brasil, procura-se compreender de que forma a imprensa operária estruturou seu discurso político, bem como verificar as bases ideológicas que nortearam esse processo.

PALAVRAS-CHAVE: Imprensa – Anarquismo – Comunismo

ABSTRACT: This paper proposes to the academic community a brief analysis on the content of the printed texts in the libertarian media of Sao Paulo and Rio de Janeiro, respectively with the newspaper *A Lanterna*, *A Plebe*, *O Cosmopolita* and *Voz Cosmopolita*, articulated between the years 1917 to 1927, adjacent to the scenario of formation of the Communist Parties of Brazil. Through the study of these publications, with the collaboration of leaders of the anarchist movement and founders of Communist Parties of Brazil, is possible understand how the working-class press structured its political discourse and to verify the ideological basis that guided this process.

KEYWORDS: Press - Anarchism – Communism

Quando nos colocamos na categoria de profissionais voltados à análise do passado, temos de manter sempre presente a idéia de que a história é feita pela ação dos indivíduos e, para que possamos compreendê-la, é, sobretudo, necessário revisitá-la com um olhar de profundidade, que tencione perceber o papel dos sujeitos históricos envolvidos em determinado processo; seja este de caráter econômico, social, cultural, ou ainda, composto pelo amálgama desses fatores. Sustentando esse comprometimento com o objeto analisado, nos aproximamos das motivações que suscitam avanços e recuos, contestações e acomodações, geradas em um momento histórico particular pela ação dos indivíduos.

* Mestre em História Política pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; pesquisa orientada pela Prof^ª. Dr^ª. Janete Silveira Abrão e financiada pelo CAPES.

Em vista disso procuro, neste artigo, identificar na ação dos militantes anarquistas e comunistas algumas das matrizes ideológicas que fundamentaram, não raras vezes, as primeiras manifestações do seu discurso impresso e permearam suas iniciativas políticas dentro da sociedade brasileira. Tal estudo tem sua delimitação espacial concentrada, particularmente, no eixo São Paulo – Rio de Janeiro, de onde os jornais aqui analisados são originários, compreendendo os anos de 1910 a 1927, período no qual os periódicos estudados se mantiveram em circulação¹.

Para que os questionamentos levantados a partir do *corpus documental* que envolve esse trabalho fossem respondidos de forma satisfatória, optamos por utilizar como método de pesquisa a *análise de conteúdo*², levando-se em conta que o objetivo central dessa pesquisa é reconhecer nos textos políticos impressos em *A Lanterna* (AL)³, *O Cosmopolita* (OC)⁴, *A Plebe* (AP)⁵, e em *Voz Cosmopolita* (VC)⁶, os

¹ O presente artigo deriva de uma pesquisa mais ampla que culminou na dissertação de mestrado apresentada em março de 2010 na PUCRS, portanto, tratamos de expor neste pequeno texto apenas alguns dos resultados obtidos.

² Como referencial teórico-metodológico é nosso dever apontar que a *análise de conteúdo* ou *análise textual qualitativa* foi utilizada nesta pesquisa como técnica analítica de fontes primárias no sentido desenvolvido pela professora-assistente de Psicologia da Universidade de Paris V, Laurence Bardin, e muito bem explorado pela Prof^a. Dr^a. Núncia Santoro Constantino em seus trabalhos sobre teoria da História e oralidade.

³ *A Lanterna* (AL) foi uma publicação libertária que iniciou sua circulação em 1901 na cidade de São Paulo, organizada pela Liga Anticlerical do Rio de Janeiro. Sob a direção de Benjamim Motta e Edgard Leuenroth, dois significativos líderes do movimento ácrata de São Paulo. AL, jornal fundamentalmente anticlerical, já era lido e discutido na primeira década do século XX nas rodas de discussão de trabalhadores insatisfeitos com os mandos e desmandos patronais. Todos os números de *A Lanterna* analisados nesta pesquisa e que correspondem aos anos de 1911 até 1935, com algumas lacunas na série, encontram-se armazenados no Centro de Documentação e Memória da UNESP (CEDEM), no fundo: Archivo Storico del Movimento Operaio Brasiliano (ASMOB) em propriedade do Instituto Astrojildo Pereira – (IAP).

⁴ *O Cosmopolita* (OC) foi uma publicação de caráter anarquista que se originou em 1914, como veículo de propaganda e agitação sindical dos empregados em hotéis, restaurantes, bares e classes congêneres da cidade do Rio de Janeiro. Sua periodicidade era quinzenal e sua distribuição era articulada da mesma forma que *A Lanterna*, ou seja, através das listas de subscrição, da venda por representantes nomeados em diversas localidades ou ainda, por meio da distribuição gratuita, pela necessidade de ampliação do número de associados no organismo sindical, visto que o jornal conformava, muitas vezes, o primeiro contato do militante com a associação. Todos os números de *O Cosmopolita* analisados nesta pesquisa e que correspondem aos anos de 1916 até 1918, com algumas falhas na série, encontram-se no Centro de Documentação e Memória da UNESP (CEDEM), armazenados no fundo: Archivo Storico del Movimento Operaio Brasiliano (ASMOB) em propriedade do Instituto Astrojildo Pereira – (IAP).

⁵ *A Plebe* (AP) foi uma publicação semanal que surgiu no ano de 1917 na cidade de São Paulo sob a direção de Edgard Leuenroth. O periódico afirmava dar continuidade a mesma linha editorial de *A Lanterna*, ou seja, um veículo de propaganda anarquista e anticlerical. Sua distribuição era feita

princípios ideológicos que nortearam (se é que de fato o fizeram) as ações dos militantes envolvidos nessas publicações.

Concluimos que esta seria a metodologia mais apropriada, pois ainda que o volume de material seja relativamente grande, e assim o é, uma *análise textual qualitativa* estaria adequada tanto à sugestão de inferências sobre as fontes através de suas características textuais quanto à compreensão dos textos através de seu sentido manifesto. Em virtude do grande volume de material que dispomos, dedicamos especial atenção à organização das leituras e análises dos jornais. Nesse sentido, todos os artigos, crônicas, notas, poesias ou epígrafes, publicadas nas páginas dos jornais operários, que pudessem suscitar inferências referentes às construções teóricas ou apropriações ideológicas desses sujeitos históricos, foram ordenados sob a forma de um catálogo de informações⁷.

Quando nos propomos a trabalhar tanto com iniciativas individuais quanto coletivas que objetivam convergir, de alguma forma, num mesmo substrato final devemos atentar ao que E. P. Thompson assinalou como uma certa “ambigüidade identitária”. Segundo ele: “*A identidade social de muitos trabalhadores mostra também uma certa ambigüidade. É possível perceber no mesmo indivíduo identidades que se alternam, uma deferente, a outra rebelde*”⁸. Partindo desse pressuposto pontuado por

através de representantes que vendiam o jornal em diversas localidades do país, assim como outros periódicos operários desse período. Todos os números de *A Plebe* analisados nesta pesquisa e que correspondem aos anos de 1917 até 1927, com algumas falhas na série, encontram-se no Centro de Documentação e Memória da UNESP (CEDEM), armazenados no fundo: *Archivo Storico del Movimento Operaio Brasileiro (ASMOB)* em propriedade do Instituto Astrojildo Pereira – (IAP).

⁶ *Voz Cosmopolita* (VC) foi uma publicação quinzenal produzida pelo Sindicato dos Empregados em Hotéis e Similares do Rio de Janeiro, que afirmava dar continuidade ao que vinha sendo publicado em *O Cosmopolita*. Sua distribuição era efetuada através de listas de subscrição, venda de números avulsos, ou distribuição gratuita quando necessário. Todos os números de *Voz Cosmopolita* utilizados nesta pesquisa e que correspondem aos anos de 1922 até 1926, com algumas falhas na série, encontram-se no Centro de Documentação e Memória da UNESP (CEDEM), armazenados no fundo: *Archivo Storico del Movimento Operaio Brasileiro (ASMOB)* em propriedade do Instituto Astrojildo Pereira – (IAP).

⁷ Este catálogo foi organizado através de tabelas temáticas. O conjunto de informações selecionadas através da leitura dos periódicos possibilitou a criação de categorias e subcategorias temáticas, o que facilitou, significativamente, o acesso aos dados de forma rápida e ordenada. O catálogo é composto por uma folha de rosto com os respectivos dados da publicação, seguido, logo abaixo, por tabelas corridas que identificam a data, a página, o título, a espécie e a temática do texto selecionado para fins de análise. Em alguns casos, informações adicionais como o número da tiragem da publicação também se fazem presentes.

⁸ THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em Comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 20

Thompson devemos estar sempre dispostos em nossas análises a estabelecer a relação necessária entre as identidades individuais ou coletivas presentes em nossos estudos e as condições materiais de existência dos respectivos indivíduos, pois tais fatores poderão influenciar as diferentes formas de reação, estejam estas configuradas em acomodação ou contestação.

No Brasil, entre as décadas de 1910 e 1920, a configuração da identidade político-ideológica dos militantes anarquistas e comunistas toma um caráter de particular relevância. A fundação de partidos políticos entre a chamada “esquerda brasileira”, sejam os PCs Libertários de São Paulo e Rio de Janeiro (1919) ou o PC do Brasil (1922), configura legitimidade ao movimento operário e estabelece novas regras de conduta aos militantes que estivessem dispostos a lutar em prol de um ideário. Observa-se, em última instância, uma normatização da conduta do trabalhador militante, pois é a integração desse sujeito nessa teia de regras que abarca não só a postura pública desse indivíduo e o seu nível de engajamento à agremiação a qual pretende integrar-se, como também seu comportamento em âmbito privado que agrega a condição que lhes será atribuída de membro da organização.

É, sobretudo, com base nesses aspectos que buscamos identificar através da ação de militantes anarquistas e comunistas, as matrizes ideológicas que fundamentaram seu discurso impresso e acompanharam suas iniciativas políticas dentro da sociedade brasileira entre os anos de 1910 e 1927, verificando a partir disso, as possíveis divergências entre estes dois grupos em torno à “construção” de seus respectivos substratos ideológicos.

A escolha de trabalho centrada no espaço temporal que vai de 1910 a 1927 está relacionadas a uma conjuntura de rupturas dentro do movimento operário. Inicialmente, temos a fragmentação política caracterizada por congressos operários, subdivididos, em sua grande maioria, por ofícios. Com a fundação dos primeiros partidos comunistas de caráter libertário e, posteriormente, com a fundação do Partido Comunista do Brasil de março de 1922 (futuro PCB), a quebra se estabelece através da estratégia de ação e da uniformidade teórica tão almejada por estes grupos e que tinham como função nortear o

discurso de um grupo dirigente que se integraria por diversos mecanismos ideológicos aos demais militantes.

Há que se levar sempre em consideração as circunstâncias em que esses militantes iniciam a sua trajetória política no Brasil. Os anos de 1920 carregam consigo uma carga repressiva visivelmente enraizada na sociedade brasileira, onde a extensão política do *coronelismo* ainda se fazia muito presente. Tal contexto é descrito com clareza na obra de Paulo Sérgio Pinheiro quando este assinala que:

A política é fatalmente agrária, política de fazendeiros de café, instalados no catete. Existe uma oposição burguesa desorganizada, caótica. Dois únicos partidos organizados – o Comunista, ainda fraco, pobre, fundado há pouco mais de dois anos e o Partido Republicano, dos grandes fazendeiros de café, partido forte, rico, partido do governo – quer dizer, os dois extremos, a extrema esquerda e a extrema direita. Uma burguesia industrial e comercial politicamente nula, desorganizada. O atraso político é tamanho que a burguesia industrial ainda não formou o seu partido, enquanto o proletariado já conseguiu forjar o seu desde 1922⁹.

Em verdade, os primeiros partidos operários foram àqueles fundados em março de 1919 pelos militantes ácratas, nas cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro. Entretanto, estes dificilmente são lembrados pela historiografia tradicional, já que não se conformaram nos moldes dos partidos políticos burgueses, que têm por base uma organização hierárquica de funções. Também por esta razão é que optamos por trabalhar com publicações não-oficiais tanto dos partidos de 1919 quanto do PC do Brasil de 1922. Nosso intuito sempre foi identificar as transformações ocorridas no interior desses grupos que, como hoje se sabe, culminaram no cisma político entre anarquistas e comunistas no Brasil.

A diversidade de obras referentes à formação do movimento operário brasileiro e sua tortuosa caminhada em busca de afirmação é relativamente ampla. O que pouco se conhece é o estudo da mídia impressa que plasmou o discurso dos Partidos Comunistas do Brasil nos seus primeiros anos de atividade. Também é válido mencionar que a grande maioria dos estudos relacionados à imprensa operária no Brasil, em sua primeira

⁹ PINHEIRO, Paulo Sérgio. *A Classe Operária no Brasil: documentos (1889-1930)*. Vol. 1. São Paulo: Alfa-ômega, 1979. p. 272-273.

fase, enfrentam inúmeros obstáculos para se tornarem uma iniciativa concreta. Em primeiro lugar, em razão dos poucos trabalhos dedicados a este tema, a dificuldade em se ter acesso às fontes¹⁰ e o próprio desconhecimento dos pesquisadores acerca dos arquivos que já dispõem desse material digitalizado, como é o caso do Centro de Documentação e Memória da UNESP, do qual nos foram gentilmente cedidas as fontes utilizadas nesta pesquisa, acabam por distanciar o acesso dos pesquisadores a este tipo de documentação.

A imprensa operária, por sua vez, abriga uma série de problemáticas que ainda podem ser aprofundadas pelos historiadores que se interessem pelos “Mundos do Trabalho”. A abordagem que traçamos em nosso estudo buscou compreender apenas um viés dessas múltiplas facetas submersas no interior das páginas de publicações operárias. Cada texto publicado nesses jornais traz consigo uma porção de significados. Compreendê-los e contextualizá-los no tempo e no espaço é tarefa do historiador; estudos dessa grandeza se fazem necessários hoje e sempre na compreensão das primeiras formas de atuação de milhares de trabalhadores que buscavam nos jornais mais do que ditames políticos.

O jornal se tornou, no interior nos sindicatos ou das Ligas Operárias, um espaço de sociabilidade, um veículo que transmitia valores e que também educava; que era capaz de alcançar os mais longínquos pontos do país levando uma mesma mensagem; uma mensagem que tinha grande significado para aqueles que se sentiam parte do mesmo ideal político e social. Estudar a imprensa operária é também alcançar a expressão escrita de inúmeras dúvidas, conflitos, alianças, disputas, parcerias que conformaram a história operária do Brasil.

A imprensa operária teve fundamental participação na construção das primeiras acepções classistas entre o operariado brasileiro; suas páginas exprimiam a diversidade de concepções inaugurais acerca dos interesses comuns de trabalhadores envolvidos em ofícios variados. A compreensão por parte desses indivíduos de que determinados fatores os interligavam num círculo de interesses comuns e que, sobretudo, através de

¹⁰ Boa parte dos acervos documentais relacionados ao movimento operário brasileiro se concentra no eixo Rio de Janeiro – São Paulo.

sua união poderiam conquistar vitórias em prol da melhoria de sua existência foi descrita ao longo do século XX através de versos, de crônicas, de artigos e de pequenas notas anônimas.

Percebemos ao longo de nosso estudo, que o número de passagens de caráter integralmente classista aumenta consideravelmente nas páginas de *A Lanterna* entre os anos de 1911 e 1916, o mesmo ocorre em maior grau no interior de *O Cosmopolita*, onde as passagens classistas podem claramente ser vistas como parte orgânica de seu substrato ideológico. *A Plebe*, por sua vez, trabalha com a idéia de classe em praticamente todos os números que circulam; em texto publicado sob autoria de Ornazi Costa, podemos visualizar o tom de denúncia no qual a mensagem é passada aos leitores:

Os patrões procuram subtrair aos empregados a mais elevada soma de energia produtiva que puderem e pagar-lhes o mais mesquinho salário; os empregados, por sua vez, fogem do trabalho e desejam sempre ganhar um melhor ordenado; portanto, são inimigos recíprocos. O que devem fazer, pois, os que formam a maioria e que tiverem mais direito à vida, é congregar suas forças e exterminar os vampiros que lhes sugam o sangue¹¹.

Em *Voz Cosmopolita*, a classe ganha um significado universalista, rompendo definitivamente com a idéia de que a classe poderia ser concebida através da organização dos trabalhadores por ofício e transmitindo, em paralelo, a concepção de que são as condições de exploração a que todos os trabalhadores, inexoravelmente, estão expostos sob a vigência do capitalismo, e a percepção das mesmas, que os fazem interagir e se reconhecerem enquanto classe.

Os debates inaugurados nos meios operários nesse início de século, no interior da imprensa operária, legaram às gerações futuras uma tradição de política operária singularmente brasileira. As escolhas feitas nesse momento histórico reverberam até hoje na memória das organizações sindicais e partidárias. A compreensão de que a imprensa podia auxiliá-los em sua luta ultrapassou os obstáculos cruéis da repressão e da censura. Mesmo anônimos, muitos trabalhadores denunciaram os mandos e

¹¹ COSTA, Ornazi, Verdades que não se dizem, *A Plebe*, São Paulo, 23.06.1917, p.3

desmandos patronais, a exploração de seu trabalho e a violência empregada pelo Estado no intuito de calar suas vozes, que hoje sabemos, não foi suficiente.

Esses trabalhadores engajados visualizaram num horizonte nem tão próximo, mas acima de tudo real, a possibilidade de se livrarem do julgo a que estavam submetidos no interior de um sistema que os utilizava como parte descartável de uma engrenagem circular e degradante. A inconformidade desses sujeitos com a imagem do seu trabalho, reduzido ao fortalecimento dessa engrenagem, fez com que a mídia impressa operária se tornasse tão rica e complexa em formas e conteúdos.

Os quatro periódicos selecionados para análise nesta pesquisa têm uma série de características em comum e podem ser divididos dois grupos que assinalam perspectivas diferentes, no que concerne à atividade política e operária no Brasil. *A Lanterna* e *A Plebe* conformam, através de sua história, a trajetória de permanências do grupo de anarquistas filiados ao anarcossindicalismo no Brasil, enquanto *O Cosmopolita* e *Voz Cosmopolita* percorrem o caminho inverso, ou seja, estabelecem uma trajetória de rupturas ideológicas que, gradualmente, culminam no marxismo-leninismo.

Através da análise dessas quatro publicações encontramos alguns traços que se cruzam, ainda que a constância dos mesmos em determinado contexto ou circunstância sofra certa diminuição. A primeira manifestação coletiva encontrada no interior dessas publicações foi a concepção classista, que envolveu trabalhadores de todos os pontos do país em torno de uma série de conflitos e inconformidades, no que diz respeito à sua existência, que passaram a lhes parecer comuns a partir da integração política dos diversos organismos sindicais e corporativos atuantes nesse momento.

A Lanterna, por se mostrar mais inclinada ao combate anticlerical no Brasil e por se configurar numa das primeiras manifestações impressas do pensamento ácrata, concentrou em suas páginas uma gama maior de assuntos que, nem sempre, estabeleciam uma relação concreta com questões teóricas de cunho ideológico. Por se tratar de um periódico que pode ser chamado de “experimental” e que teve sua história marcada pelas substituições de seu corpo editorial, identificamos em *A Lanterna*, uma

linha muito tênue que tenta demarcar os territórios políticos de seus leitores de forma categórica, porém desprovida de qualquer equilíbrio narrativo.

A publicação tendeu sempre a enquadrar os seus leitores dentro dos limites do anticlericalismo, concentrando praticamente todos os seus esforços na luta contra o domínio das religiões sobre o proletariado brasileiro. Cabe afirmar que *A Lanterna* inaugura um modelo imperfeito do que Edgard Leuenroth chamou de “luta emancipadora”. Apesar de ser um veículo de expressão anarquista, a própria essência teórica ácrata se fez pouco presente em AL. Talvez por entenderem que a religião consumia em bom tempo dos trabalhadores é que essas lideranças optaram por concentrar seus esforços na degradação de todos os tipos de crenças imateriais.

Ocorre que, com a experiência prática de graves, de assembléias, de reuniões, de boicotes e de piquetes, a complexidade de suas ações passa a ganhar maior expressão, logo, a busca por novos significados aos seus anseios também se coloca como necessidade imediata. Nessa direção, encontramos em *A Plebe* outras escolhas editoriais. A afirmação do sindicalismo, bem como a presença constante de referências ao movimento libertário, evidenciam as transformações ocorridas durante a trajetória política dos sujeitos envolvidos diretamente nessas duas publicações.

Apesar de mostrar-se como continuadora do que se vinha publicando em *A Lanterna*, *A Plebe* não parece representar mais os interesses essencialmente relacionados à Liga Anticlerical de São Paulo como outrora o fez. Suas escolhas temáticas não se reduzem unicamente ao combate anticlerical no Brasil; ao contrário, seu campo de ação sofre grande expansão. As contribuições de leitores e militantes da organização aumentam tanto financeiramente quanto intelectualmente, ou seja, o jornal passa a contar com uma verba maior, o que torna possível aumentar sua periodicidade.

A Plebe passa, desde 1917, a ser um veículo impresso de informação e educação operária semanal, o que não era algo comum nos meios operários desse período por falta de recursos. Além disso, a diversificação de autores que assinam seus textos (ainda que com pseudônimos) e a mudança efetuada na própria linguagem utilizada pelo jornal

validam a idéia de que ocorreu, entre 1916 e 1917, um conjunto de alterações nas necessidades incorporadas à folha anticlerical e de combate, como se intitulava *A Lanterna*.

O ano de 1917 trouxe ao movimento operário brasileiro, sobretudo, através de sua mídia impressa, uma série de informações acerca dos últimos acontecimentos internacionais. A Primeira Guerra Mundial e o clima de hostilidades instaurado entre os países beligerantes ao seu término e, a Revolução Russa de 1917, estamparam diversos números de jornais anarquistas e comunistas no Brasil e influenciaram, mesmo que indiretamente, as suas escolhas teóricas.

A Primeira Guerra Mundial fez com que as referências ao internacionalismo estivessem sempre presentes nas páginas de publicações operárias. Não foram poucos aqueles que se escandalizaram com os horrores praticados no *front*. Tampouco houve quem se mantivesse alheio às perdas e sofrimentos de muitas famílias. O poder dos grandes Estados embrenhados nas disputas por novos territórios e mercados no ciclo vicioso do imperialismo assombrou corações e mentes de uma infinidade de trabalhadores que já se colocavam contra qualquer tipo de opressão ou cerceamento de suas liberdades.

Cabe afirmar aqui que o anarquismo teve campo suficiente para se difundir entre os grupos operários dos primeiros anos do século XX no Brasil. Em meio aos inúmeros Sindicatos e Ligas Operárias que agiam através das agitações pontuais consolidou-se o ideário de libertação do homem, de crença nas infinitas potencialidades humanas, de esperança na força de iniciativas conjuntas e, sobretudo, na crença de que todos esses elementos caminhavam numa só direção, a libertária.

Em verdade, não evidenciamos no conjunto de idéias presentes nessas publicações o abandono completo do anarquismo em 1917. Por outro lado, também não nos é permitido afirmar que o movimento ácrata no Brasil se manteve intacto à vitória dos bolcheviques na Rússia e à posterior difusão dos ideais comunistas pelo mundo. Ao contrário, muitos dos líderes anarquistas, atuantes politicamente e manifestantes dos

ideais de emancipação da classe trabalhadora, optam, a partir de 1917, pela ruptura com o anarquismo. Porém não se deve entender esse corte como algo violentamente pontual.

Todas as transformações, assimilações e compilações originadas em meio às notícias vindas da Rússia, se deram de forma processual. Seria incorreto afirmar que tais mudanças incorreram em enganos, posteriormente corrigidos com o retorno ao anarquismo em meio às organizações de caráter comunista, como foi o caso do Partido Comunista do Brasil de 1922. Não ocorreram enganos nesse sentido, tampouco escolhas erradas, e o anarquismo não voltou a “contaminar” o futuro PCB pelo simples fato de que ele jamais esteve desvinculado da trajetória do mesmo.

Em geral, as mudanças estruturais que se perfazem por entre as linhas difusas e translúcidas das mentalidades coletivas se realizam através da busca por novos significados, da resignação de antigos conceitos, conformando, ao final do processo, a síntese de todos esses elementos em algo novo, próprio, criativo em sua essência. Processos dessa espécie são lentos e ao iniciarem definem-se através de seu caráter infinito, pois não há limites seguros estabelecidos no fértil terreno das mentalidades coletivas.

O que construímos através da análise dessas quatro publicações operárias foi uma teia que identifica alguns significados e suas possíveis ressignificações. Tentamos identificar as razões de determinadas escolhas sem perder de vista as circunstâncias em que foram efetuadas. Por essa razão é que assinalamos que esta é uma pesquisa inacabada, que contempla apenas uma das interpretações possíveis sobre o tema. Primeiramente porque há inúmeros periódicos oficiais e não oficiais dirigidos por diferentes organizações operárias do Brasil que sequer saíram dos arquivos. Em segundo lugar, porque mesmo nos debruçando sobre as manifestações escritas desses sujeitos, foi impossível esgotar todas as leituras latentes que dirá as não aparentes, ou mesmo subliminares, que também se fazem presentes em fontes tão ricas e complexas como essas.

O que, contudo, evidenciamos assinala a incapacidade de estabelecermos uma interpretação de que havia homogeneidade ideológica entre os dois grupos aqui analisados. A preocupação dos anarquistas do núcleo político de Edgard Leuenroth, Neno Vasco, Everardo Dias, Astrojildo Pereira, Octávio Brandão, entre outros, durante toda a década de 1910, consistiu na construção de uma identidade classista e operária no Brasil. Num segundo momento, o que percebemos foi uma concentração de esforços no sentido de fortalecer as pulverizadas organizações classistas recém fundadas no país, conferindo-as um caráter representativo firme e estável.

A partir do momento em que essas organizações passam a existir e recebem a confiança de seus militantes acerca de sua representatividade, uma nova etapa é inaugurada, traduzindo os primeiros embates acerca das implementações necessárias para o fortalecimento desses grupos. Acreditamos que foi exatamente isso que ocorreu entre os anos de 1910 e 1920. As disputas em torno das divergências originadas na própria vivência de militância política culminaram na fundação dos Partidos Comunistas de 1919, de caráter libertário.

Assim sendo, a estrutura partidária tornou as ações de seus membros mais próximas de tantos outros organismos localizados em pontos distantes do país. A comunicação, os encontros, as assembleias e até mesmo as iniciativas políticas de ordem prática e coletiva ganharam efetividade com a centralização de determinadas decisões, e com um “corpo” de regras claras instaurado no interior de uma organização relativamente ampla. Trabalhadores militantes de todo o país produziram, a partir de 1919, um programa de suas atividades centralizado num mesmo organismo, ainda que este se mostrasse aberto aos apoios das mais variadas associações sindicais.

Dentro dessa organização, e em função da própria vivência política desses militantes, divergências começaram a surgir, algumas plenamente administráveis como provavelmente o foi a variação de acepções ácratas presentes dentro de um mesmo organismo; como foi o caso da adoção do modelo pedagógico de Ferrer i Guardia para aplicação nas Escolas Modernas criadas no Brasil, em paralelo às constantes referências

às iniciativas grevistas e ao fortalecimento dos organismos sindicais, amplamente reconhecidos pelos Partidos de 1919.

Algumas das divergências iniciadas em 1919 e debatidas até 1921 não lograram êxito dentro das organizações de caráter libertário, pois concebiam a organização partidária e a própria organização operária como um todo para fins diferentes dos até então apregoados. A emancipação humana continuava sendo bandeira de luta para todos esses indivíduos, entretanto, parte deles entendia que as etapas para se alcançar tal condição não eram compatíveis com a forma com que vinham sendo conduzidas no Brasil.

Criou-se, a partir desse momento, talvez o maior fosso doutrinário entre anarquistas e comunistas vistos na História do Brasil. O cisma foi inevitável. Em 1922, é fundado o Partido Comunista do Brasil, futuro PCB. Mesmo inaugurado como a vanguarda do proletariado no país e, levantando, sobretudo, a bandeira bolchevista, o PC do Brasil não consegue se livrar dos lastros ideológicos ácratas presentes na formação de suas lideranças há tanto tempo.

O que percebemos através da análise, sobretudo, de *O Cosmopolita* e *Voz Cosmopolita* é que esse momento de mudanças foi permeado por muitas dúvidas e conflitos; manifestos impressos de longos anos de atividade operária engajada. As referências ideológicas em *Voz Cosmopolita*, particularmente a partir de 1924, assinalam uma forte alteração no perfil desse periódico sindical. As razões são claras. Filiando-se ao PC do Brasil, em 1922, suas normativas deveriam estar incondicionalmente de acordo com o programa do Partido.

Cabe ressaltar ainda que, nessa linha de ação, o próprio nome da publicação é alterado, passando de *O Cosmopolita* para *Voz Cosmopolita*; propondo aos leitores que, apesar da publicação manter-se fiel aos ideais de emancipação da classe trabalhadora, a partir de agora, novas concepções deveriam ser agregadas ao arcabouço teórico do militante. Novas leituras são sugeridas, novos debates, novos líderes passam a fazer

parte do imaginário desses sujeitos. Um novo horizonte se abre na perspectiva de lutas desses militantes.

A Revolução Russa foi cara não só aos comunistas, mas também aos anarquistas que incorporaram às suas discussões problemáticas libertárias sublevadas durante o processo revolucionário russo. Apesar de *A Lanterna* e *A Plebe* constituírem os veículos de propaganda e informação diretamente ligados aos Partidos Comunistas de 1919, os mesmos foram engendrados a partir de inúmeras reuniões organizadas no seio do Centro Cosmopolita do Rio de Janeiro¹², do qual também faziam parte Edgard Leuenroth, Astrojildo Pereira, Neno Vasco, Canellas, Everardo Dias, entre outros.

É lícito afirmar que o Partido Comunista do Brasil de 1922 não pôs fim ao movimento ácrata no Brasil, tampouco enfraqueceu suas iniciativas pela desvinculação de seus principais líderes. Ao contrário, muitos destes continuaram militando em sindicatos de orientação anarcossindicalista. O enfraquecimento do anarquismo no Brasil talvez possa ter se dado pela força violenta da repressão e da censura sobre suas associações e periódicos, ou ainda por estratégias equivocadas de ação política.

São, contudo, valiosos os estudos que buscam compreender as múltiplas escolhas feitas durante esse período de transformações estratégicas e ideológicas para o movimento operário brasileiro. Tais experiências continuam vivas na história de organizações herdeiras, ao menos em parte, dessa tradição política. A expressão do anarcossindicalismo no Brasil dos anos 20 foi de fato relevante. Identificar suas origens, seus princípios e seus “heróis¹³”, faz parte da complexa compreensão do processo de constituição das primeiras formas manifestas de expressão operária no país. Também por esta razão, é que identificar, em sentido análogo, as primeiras apropriações e acepções marxistas conformadas no desenrolar da experiência política desses sujeitos é também contribuir no desvendar de identidades político-ideológicas complexas.

¹² Cf. LIMA, Heitor Ferreira. Apresentação. In: PEREIRA, Astrojildo. *Ensaios Históricos e Políticos*. São Paulo: Anfa-Omega, 1979. p.17

¹³ Como não raras vezes eram encaradas as grandes lideranças internacionais do movimento ácrata.

As divergências entre comunistas e anarquistas estabelecidas ao longo desse processo, de fato geraram cismas, divisões e conflitos; todavia a imprensa era vista por esses organismos operários como órgão responsável não só pela informação, como também pela sociabilização e educação dos militantes. Em função disso, as lideranças operárias e os próprios indivíduos engajados na organização compreendiam que o debate, a autocrítica, as alianças e conflitos faziam parte do seu crescimento político seja qual fosse a sua respectiva matriz ideológica.

Cada novo periódico que emergia no cenário nacional se traduzia, na visão desses militantes, num rasgo de esperança, em mais um foco de fortalecimento de suas iniciativas políticas e, sobretudo, na ampliação de suas tão almejadas conquistas. Muitos são os pontos que ainda precisam ser investigados através de pesquisa historiográfica para que se tenha uma noção mais clara dos meandros desse processo. As perspectivas de pesquisa acerca da conformação da identidade da classe operária organizada no Brasil são infindáveis, não só a partir da imprensa, como também através de fontes primárias riquíssimas esquecidas nos nossos arquivos. Contudo, não devemos perder de vista que compreender o funcionamento da imprensa operária é, em parte, atingir o ponto nevrálgico dos estudos referentes às relações estabelecidas nos “mundos do trabalho”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATALHA, Cláudio H. M. Formação da classe operária e projetos de identidade coletiva. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs.). *O Brasil Republicano*. Rio de Janeiro: vol.1. Civilização Brasileira, 2003.

_____. Identidades da Classe Operária no Brasil (1880-1920): Atipicidade ou Legitimidade?. *Revista Brasileira de História*, São Paulo: vol.12, nº 23/24, ago./set. 1992.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

CARONE, Edgard. *Socialismo e anarquismo no início do século*. Petrópolis: Vozes, 1995.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Teoria da História e reabilitação da oralidade: convergência de um processo. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.). *A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

- DÍAZ, Carlos. *Las teorías anarquistas*. Madrid: Editorial Zero, 1976.
- FERREIRA, Maria Nazareth. *Imprensa operária no Brasil*. São Paulo: Ática, 1988.
- KHOURY, Yara Maria Aun. *Edgard Leuenroth: uma voz libertária; imprensa, memória e militância anarco-sindicalistas*. São Paulo: USP, 1988 (Tese de doutorado em Sociologia).
- KONDER, Leandro. *A derrota da dialética: recepção das idéias de Marx no Brasil até o começo dos anos trinta*. Rio de Janeiro: Campus, 1988.
- _____. *As idéias socialistas no Brasil*. São Paulo: Moderna, 1995.
- MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã e Feuerbach: a contradição entre as cosmovisões materialista e idealista*. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- MORAES, Dênis de. *O imaginário vigiado: a imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-53)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.
- PEREIRA, Astrojildo. *Ensaios históricos e políticos*. São Paulo: Alfa-Omega, 1979.
- PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Estratégias da Ilusão: a revolução mundial e o Brasil (1922-1935)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- _____. *A Classe Operária no Brasil: documentos (1889-1930)*. Vol. 1. São Paulo: Alfa-ômega, 1979.
- PROUDHON, Joseph Pierre. *El Estado*. Buenos Aires: Tor, 1930.
- THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em Comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- VINCENT, Andrew. *Ideologias políticas modernas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

JORNAIS

A *LANTERNA*. São Paulo, nº 110 a 492, 1911 a 1916.

A *PLEBE*. São Paulo, nº 1 a 245, 1917 a 1927.

O COSMOPOLITA. Rio de Janeiro. Órgão dos empregados em hotéis, restaurantes, cafés, bares e classes congêneres, nº 1 a 39, 1916 a 1918.

VOZ COSMOPOLITA. Rio de Janeiro. Órgão dos empregados em hotéis, restaurantes, cafés, bares e classes congêneres, nº 1 a 95, 1922 a 1926.